

# ALMANAQUE 21

## FESTIVALS

ALM  
ANA  
QUE 21

JUNHO, 2026

15. Cobertura Especial

# Olhar de Cinema

Festival Internacional de Curitiba

ASSINE

# ALMANAQUE21

PLANOS DE ASSINATURA ALMANAQUE21

ALMANAQUE21

EU APOIO REVISTA DIGITAL MENSAL

R\$ 8

EU SUPER APOIO REVISTA MENSAL + REVISTA DE ACERVO

R\$ 12

EU APOIO PRA CARAMBA REVISTA MENSAL + TODO O ACERVO

R\$ 21

## APOIA.SE/ALMANAQUE21

receba a revista mensal e outras vantagens!



São três modalidades para escolher a que cabe no seu bolso! Assine e apoie a revista digital sobre cinema e séries de TV com mais conteúdo do Brasil!

# OLHAR DE CINEMA 2026

# ALMANAQUE21 FESTIVAIS



Olá! Seja bem-vinda! Seja bem-vindo!  
O Olhar de Cinema, festival internacional de Curitiba, chegou à sua 15ª edição trazendo programação diferenciada para os cinemas do Paraná. Entre 4 a 13 de junho, os espectadores puderam curtir 80 filmes, entre longas e curtas, entre produções novíssimas e clássicos do cinema, tudo isso com a curadoria já conhecida do festival, que conta com direção de Antônio Gonçalves Júnior e Milena Fransolino. Este é o meu retorno para o Olhar de Cinema depois de uma década - cobri para a extinta Rádio Unisinos e para o site Papo de Cinema os festivais de número 4 e 5. Esta é a primeira vez que a **Almanaque21** participa do evento e a ideia é fazer com que você, que não pode vir, se sinta um pouco no festival. E para quem esteve em Curitiba, lembrar e descobrir os grandes filmes em cartaz. Nesta cobertura especial, nos debruçamos nos filmes nacionais da Mostra Competitiva, além de dar destaque para alguns títulos que foram exibidos em mostras especiais. Além disso, entrevistamos muitos realizadores e todas essas conversas estão no nosso YouTube. Não foi possível ver (e escrever) tudo o que queríamos, mas foi um retorno ótimo ao festival. Dito isso, confira a edição definitiva da nossa cobertura. Boa leitura!

Rodrigo de Oliveira  
Editor-Chefe

ASSINE [apoia.se/almanaque21](http://apoia.se/almanaque21)

VISITE [almanaque21.com.br](http://almanaque21.com.br)

SIGA NOSSAS REDES

 [almanaque21](https://www.facebook.com/almanaque21)

 [almanaque\\_21](https://twitter.com/almanaque_21)

 [@almanaque21oficial](https://www.instagram.com/almanaque21oficial)

ENTRE EM CONTATO

[contato@almanaque21.com.br](mailto:contato@almanaque21.com.br)

Essa é uma edição digital especial da **ALMANAQUE21** que não poderia ser realizada sem a força dos nossos apoiadores.

Nosso muito obrigado a  
Alexandre Alliatti • Carla de Castilhos  
Carlos Redel • Cristina Wollenberg  
Daniel Porto • Emerson Pedrotti  
Esmerildo da Silva • Fatimarlei Lunardelli  
Fernando Barberena • Gilmar Ostjen  
Leandro Krindges • Luis Brito • Luiz Matos  
Rogerio de Oliveira • Sandro Fonseca  
Sergio Filho

**ALMANAQUE21 Festivais** é edição especial, digital e totalmente independente. O selo festivais traz coberturas de grandes eventos cinematográficos brasileiros

Junho, 2026

Editor-chefe (artigos e diagramação):  
Rodrigo de Oliveira, jornalista e crítico de cinema | Design: Cindy Kucera

Capa: Pôster Olhar de Cinema 2026, arte de Rafael Silveira

Agradecimentos à assessoria TIP pelo apoio  
Direitos reservados nos textos e críticas

# Índice



## MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL



# 15. Olhar de Cinema

Festival Internacional de Curitiba

/ Curitiba Int'l Film Festival

## MOSTRA ESPECIAL



**YELLOW CAKE**  
PG 6



**FLORA & AIRTO:  
O SOM REVOLUCIONÁRIO**  
PG 34

## ENTREVISTAS

**TIAGO MELO, REJANE FARIA E TANIA MARIA**  
**YELLOW CAKE | PG 8**

**MARIANA LACERDA**  
**TELÚRICA, A ÍNTIMA**  
**UTOPIA | PG 12**

**RAFHAEL BARBOSA**  
**OLHE PARA MIM | PG 16**

**ANA MARIA MACHADO E**  
**MARIANA MACHADO**  
**MAXITA | PG 20**

**MARCUS CURVELO**  
**REPARAÇÃO | PG 24**

**PEDRO DIÓGENES**  
**ADULTO/HOMEM | PG 28**

**JANAÍNA MARQUES,**  
**VERÔNICA CAVALCANTI E**  
**LUCIANA SOUZA**  
**FIZ UM FOGUETE**  
**IMAGINANDO QUE VOCÊ**  
**VINHA | PG 32**

**JOM TOB AZULAY E**  
**RICARDO BACELAR**  
**FLORA & AIRTO | PG 36**

**ANTONIO GONÇALVES JR.**  
**OLHAR DE CINEMA | PG 38**



FILME DE ABERTURA

# YELLOW CAKE



O pernambucano Tiago Melo tem grandes filmes no currículo, embora tenha dirigido até agora, apenas dois longas. Como produtor, participou de obras como *Bacurau* (2019), *Boi Neon* (2015) e *Carro Rei* (2021). Como diretor assistente, auxiliou Gabriel Mascaro no ótimo *Divino Amor* (2019), entre outros. E como diretor, comandou os premiados *Azougue Nazaré* (2018) e o curta *Urânio Picuí* (2012). É deste filme curto, inclusive, que surge a inspiração para *Yellow Cake*, um trabalho que deve colocar Melo no radar definitivamente. Não por ser um filme infalível, longe disso. Mas por ser um trabalho que arrisca algo diferente, que propõe discussões que são atualíssimas, usando o verniz do cinema fantástico para melhor transmitir sua mensagem.

Na trama, uma equipe de cientistas americanos se instala na cidade de Picuí, na Paraíba, para pesquisar o uso de urânio no combate contra o mosquito *Aedes Aegypti*. Neste time, apenas uma brasileira, a cientista Rúbia Ribeiro (Rejane Faria), alguém que tem história com o local e que poderia servir como um elo importante - caso fosse ouvida por seus colegas. Em meio a isso, acompanhamos alguns moradores da região, como Catita (Valmir do Côco) e sua avó Dona Rita (Tânia Maria), que desconfiam da presença dos estrangeiros ali. Quando o experimento dá errado, provocado pela irresponsabilidade de parte dos cientistas, a situação vira potencialmente mortal.

*Yellow Cake* se prova dois filmes em um. A primeira parte é mais clássica, com o time de cientistas procurando soluções e, alguns, se mostrando

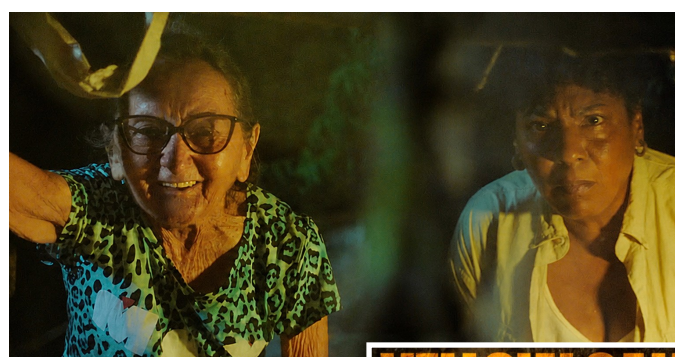


Fotos: Gilvan Barreto, divulgação



bem menos responsáveis que outros. É ali que melhor conhecemos Rúbia e alguns habitantes da região. A segunda parte é onde Tiago Melo se arrisca mais, propondo um cinema sensorial. Com bons efeitos, tanto digitais quanto práticos (a maquiagem é ótima), somos levados a um verdadeiro pandemônio em que cada pessoa sofrerá de maneiras diferentes as ações dos mosquitos. Enquanto Dona Rita abraça os animais, Rúbia luta por uma possibilidade de parar aquele caos.

A primeira parte parece mais coesa, nos dando mais tempo com alguns personagens-chave para que nos importemos com eles. É um trunfo ter Rejane Faria e Tânia Maria no filme, especialmente em uma cena singela em que fumam e jogam conversa fora. Aquele trecho informa muito sobre ambas, ainda que nem estivesse inicialmente no roteiro. A segunda parte é intencionalmente tresloucada, mas talvez funcionasse melhor caso fosse mais curta. Com poucos diálogos e muitos mosquitos, Melo constrói o seu próprio *Os Pássaros* (1960), colocando a natureza em confronto com os humanos. Diferente do clássico de Hitchcock, porém, desta vez sabemos bem o motivo: a nossa própria irresponsabilidade.



## YELLOW CAKE

2026 - BR - 96 min -  
Drama, Sci-Fi - 14 anos  
Dir. e Rot.: Tiago Melo  
Com Rejane Faria,  
Valmir Do Côco, Tânia  
Maria, Spencer  
Callahan, Alli Willow,  
Severino Dadá, Henry  
Jackelén, Wolfgang  
Pannek  
Dist.: Olhar Filmes  
Cotação: 7



# ENTREVISTA

# YELLOW CAKE

TIAGO  
MELO

REJANE  
FARIA

TÂNIA  
MARIA

Um dia depois da sessão de abertura do Olhar de Cinema, conversamos com o diretor de *Yellow Cake* e com duas super atrizes do elenco. Os bate-papos na íntegra você confere no nosso canal do YouTube. Ao lado, um trecho das entrevistas exclusivas!



Foto: Walter Thoms | Olhar de Cinema

**A21 - Tiago, as origens de *Yellow Cake* remon- tam a um documentário que você fez. Como foi essa ideia de transformar algo documental em algo de ficção e com viés fantástico?**

**TIAGO MELO** - Sim, a cidade do meu pai, que é a cidade de Picuí, na Paraíba, Sertão de Seridó, foi onde eu filmei um curta-metragem, um docu- mentário, que se chama *Urânio Picuí*. Passei mui- tos anos fazendo pesquisa sobre esse tema. Foi um curta-metragem, ficou muito assunto guarda- do que eu tinha vontade depois em fazer um longa e contar isso. Terminou que justamente depois, a gente muda essa chave do documentá- rio para ficção e é quando a gente também tem mais liberdade de inventar e de brincar e de re- verter algumas coisas, trazendo elementos de outros lugares também para dentro da narrativa. Então eu acho que esse é o poder da ficção. A gente contar histórias que existiram misturadas com coisas que não podem ser reais - e misturar isso tudo.

**A21 - Eu tenho comentado com as pessoas aqui no festival que eu vejo o *Yellow Cake* como qua- se dois filmes num só, porque ele tem uma par- te bem clássica e depois vira outra coisa total- mente, algo muito sensorial. E ele vira até na fotografia, na montagem. Como foi trabalhar esses dois momentos distintos?**

**TIAGO** - Esse sempre foi um desejo, da gente fa- zer um filme, eu brinco, dizendo que é um filme igual a um disco, lado A e lado B. E eu acho que é isso, quando a gente está tratando de um aciden- te nuclear, eu acho que não dá para pensar que o mundo vai permanecer igual, né? Então essa é uma mudança de fato bem transformadora. Eu queria fazer um filme, como você falou, sensori- al. Eu queria que o espectador também sentisse essa mudança e não só que ele ficasse vendo de longe, da tela. Então eu acho que essa mudança vem para trazer essa sensação, dessas incertezas que acontecem. Eu acho que o filme também é uma narrativa livre, que permite também inter- pretações diferentes de pessoas. Já vi relatos completamente diferentes, assim, de pessoas

que acreditavam que era isso, outras que era aquilo.

**A21 - Rejane, o filme já passou em festivais internacionais e aqui ganhou a primeira exibição brasileira. Como foi conferir o filme com a plateia daqui?**

**REJANE FARIA** - Muito emocionante. A gente fica sempre naquela coisa, né? O filme estreou fora, teve uma recepção muito legal, mas a gente quer entregar para o Brasil. Eu senti ontem, tinha 1500 pessoas naquele teatro, coisa mais linda, uma energia muito forte e deu para sentir que as pessoas receberam o filme muito bem, porque é um filme que todo mundo se identifica de alguma maneira, né? Ele fala de várias coisas. A gente fala de muitas temáticas, diversidade política, coisas sociais, existenciais, enfim, né? Abarca muitas coisas. Cada um se identifica com alguma coisa ou com tudo. Então é um filme que todo mundo pode ver, porque em algum momento ele vai bater forte.

**A21 - E Rejane, uma coisa que eu acho incrível na tua carreira é como você consegue não se repetir. Cada filme que você faz ou cada série que você faz, são personagens diferentes, são vivências diferentes. Qual é o segredo, se é que existe algum?**

**REJANE** - Eu acho que é o cuidado. Eu tenho cuidado como atriz e muito respeito pela minha profissão, pelo meu ofício. E eu quero entregar coisas interessantes, coisas que despertem o olhar do espectador. Então eu sempre trato cada trabalho como único. E me reinvento e repenso a minha forma de fazer. Repenso a minha técnica e tem essa coisa também da emoção de cada personagem, não é? E do que é que o diretor deseja. Então eu me entrego muito. Evidentemente que eu sou uma atriz criadora, que eu também me sinto parte da obra. Eu acho que tem roteiro, direção, mas a atuação também tem que ser criativa, né? Eu preciso propor algumas coisas. Então, sempre converso muito com os diretores e vejo qual caminho melhor a gente seguir. Mas sempre com essa ideia de me surpreender com a minha atuação e surpreender o outro também.

**A21 – Dona Tânia, a senhora faz coisas ali que são surreais, como foi esse convite?**

**TÂNIA MARIA** - Foi muito gratificante quando eu recebi o convite. Fiquei muito feliz. E as cenas, é cada uma melhor do que a outra, eu gostei.

**A21 – As cenas com a Rejane são fabulosas. A do cigarro é ótima.**

**TÂNIA** - Foi tudo muito ensaiado. E fumar, eu não fumo mais. Parei. Faz um ano. Agora estou bem. Meu conselho é para ninguém deixar de fumar. Quem fuma, continue fumando. (risos) Quando se sentir prejudicado, deixe. Assim como eu fiz.

**A21 – E aqueles mosquitos do filme?**

**TÂNIA** - Aqueles mosquitos eram meus amigos, eu amava eles, não era para ninguém maltratar, eu dava comida a eles!



Fotos - Rodrigo de Oliveira entrevista no Cine Passeio:

① Tiago Melo; ② Rejane Faria; ③ Tânia Maria;  
Créditos: 1, 2 - Reprodução; 3 - Anna Luiza Muller;



MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

# TELÚRICA, A ÍNTIMA UTOPIA



**A** cineasta pernambucana Mariana Lacerda joga seu espectador, sem rede de proteção, em um universo de imaginação, criação e, especialmente, conexão. *Telúrica, a Íntima Utopia* abre em meio a uma cena visceralmente interpretada por um dos atores da Cia Teatral Ueinz. Não sabemos qual é a história do grupo, não temos um texto de abertura que introduza a história. Estamos com o ator e lá ficamos. Depois, os demais membros da companhia são apresentados. Entendemos que Elisa Band é a encenadora e dramaturga, trabalhando com o elenco uma história sobre a formação da Terra. Pode parecer, em um primeiro momento, que a diferença do Ueinz para outros grupos de teatro é o fato de que todos os atores tem alguma questão psíquica - eles trabalham no palco

algo chamado “esquizocenia”. Mas Lacerda mostra que é mais do que isso. Muito mais importante do que o diagnóstico de cada um, o que a cineasta busca mostrar é o processo de criação extremamente horizontal que Elisa tem com seu elenco. É um jogo de erro e acerto, no qual os atores experimentam ideias, buscam expressar sentimentos e dão tudo de si para o coletivo.

Lacerda pede algo do espectador que nem todo filme tem a coragem de fazer: tempo para conhecer os personagens sem maiores amarras. Como dito, a cineasta foge dos textos explicativos ou das narrações. Ela convida o público a passar aquele período com o Ueinz e não busca mostrar algo fora dali. Como a peça, que propõe uma fenda no tempo, o filme é uma massa atemporal. Podemos ter visto meses de trabalho, podemos ter

visto semanas ou dias. A temporalidade não é clara, assim como o *background* da maioria dos atores que habita o filme. A não ser em momentos de conversas em grupo, em que alguns se abrem mais do que outros, não sabemos muito mais do passado ou mesmo do presente dos membros do Ueinzz fora dali. As paredes brancas do espaço formam quase um não-lugar, sem relógios e sem marcações. O que importa é a história a ser contada na peça e o que cada um pode contribuir com aquela obra.

*Telúrica, A Íntima Utopia* se mostra um filme muito terno com seus personagens, emocionante em alguns momentos, por se permitir repousar a câmera em atos distintos e se demorar em um olhar. É inteligente ao abordar a arte sob um viés alternativo, mas não necessariamente terapêutico. O filósofo Peter Pál Pelbart, que participa do filme como ator dentro da Cia, resumiu muito bem durante a coletiva de imprensa do festival que o Ueinzz não é um grupo terapêutico, mas um grupo de teatro - e como fazer teatro é algo que muda vidas, isso acaba curando, mesmo que sem este fim. Além de tudo, a produção conta com momentos engraçados e singelos, que nos relembram como é mágico o fazer teatro.

Com lançamento previsto para 2027, via Descoloniza Filmes (que assina como produtora associada, além de distribuidora), *Telúrica, a Íntima Utopia* reserva para o seu desfecho uma parte do espetáculo que vimos florescer. Obra sempre em evolução, com Elisa Band se revelando uma muito atenciosa dramaturga, a peça dentro do filme não é o principal, tanto que não a vemos completa. Mas a montagem nos dá alguns relances de como o evento final tem seu poder. No desfecho, Val - uma das atrizes com alguns dos melhores momentos do filme - descansa ao som de um hit nacional. Não vamos dizer qual é, para preservar a surpresa, mas é uma canção que resume bem a temática do longa, com pessoas encontrando seu lugar através da arte.



Fotos: Gilvan Barreto, divulgação

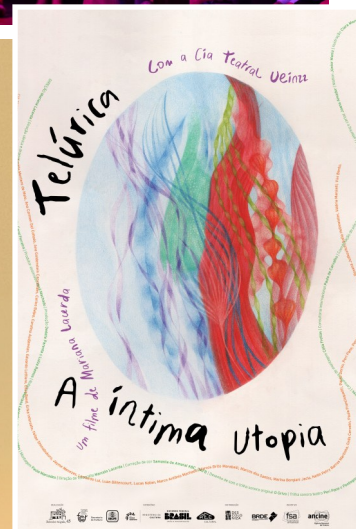


## TELÚRICA, A ÍNTIMA UTOPIA

2026 - BR - 104 min -  
Documentário - 14  
anos

Dir.: Mariana Lacerda  
Rot.: Mariana Lacerda  
e Paula Mercedes  
Com Elisa Band, Jayme  
Menezes, Peter Pál  
Pelbart, Valéria  
Manzalli

Dist.: Descoloniza  
Cotação: 8



# ENTREVISTA

Telúrica  
A íntima utopia

## MARIANA LACERDA



Conversamos com a diretora de *Telúrica*, *A Íntima Utopia* no dia seguinte à sessão de estreia do longa no Olhar de Cinema. A entrevista exclusiva, na íntegra, você confere ao lado e no nosso canal do YouTube. Na foto, Mariana Lacerda ao lado de Peter Pál Pelbart, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba.

Foto: Duda Dalzoto | Olhar de Cinema

**A21 - O filme, em vários momentos, resgata a pergunta "o que é telúrica?". Quer saber o que é telúrica para você e por que você quis trabalhar sobre esse tema junto com a Cia Teatral Ueinzz?**

**MARIANA LACERDA** - A gente chamou talvez uma das grandes filósofas que o Brasil tem, que é a Juliana Fausto, para responder à pergunta que o Marquinhos, um dos atores que está no filme, faz: "Mas o que é telúrica?" E a gente chamou a Juliana para dar essa resposta: uma força telúrica, que é a força da Terra. E o que sustenta a Terra no sentido do planeta Terra, mas também a Terra no sentido do cultivar a terra, das deusas da terra, das Ceres, por exemplo. E Telúrica é o grande tema da peça que está sendo feita durante o filme, da peça que a Cia Teatral Ueinzz está construindo, está levantando, está criando. E o filme, que é a parte que eu chamo de *A Íntima Utopia*, ele entra para entender o que está acontecendo quando a gente está criando algo. O que está se movendo, quais são as forças que estão se movendo quando estamos criando algo. E o filme traz essa proposta de passarmos muito tempo juntos num espaço protegido, para pensar algo. E esse algo é uma peça chamada Telúrica.

**A21 - E é curioso porque o filme já nos coloca dentro. Ele não tem, por exemplo, um texto inicial nos explicando o que é o grupo, o que é a peça, o que a gente vai ver. Ele já nos coloca direto numa performance muito visceral. Como foi construir essa ideia conscientemente de nos colocar dentro daquele grupo, conhecendo as pessoas, conhecendo como trabalham?**

**MARIANA** - A gente tinha muito claro que era preciso passar muito tempo juntos. O grupo, a Cia Teatral Ueinzz, se encontra uma vez por semana para ensaiar durante duas horas. A gente pensou em potencializar e alargar esse tempo realmente. E que fosse em um espaço. Esse

espaço é em São Paulo, na Casa do Povo, mas poderia ser outro lugar que oferecesse luz, conforto, a possibilidade de montar uma cozinha. E estávamos criando. É sobre criar, é sobre criar de uma forma coletiva. E eu acho que o filme acompanha isso e propõe, pensando numa montagem cinematográfica, que tipos de dispositivos podemos criar para que numa montagem também funcione, pensando já numa entrega de filme. Ouso dizer que o filme é bem sucedido nisso, porque talvez solicite do público que entre nessa “baleia”, no que a gente chamou de baleia.

**A21 - Nessa fenda do tempo.**

**MARIANA** - Que abra essa fenda do tempo e possa fabular também com a gente.

**A21** - No final, o filme até apresenta um pouco da peça, mas a ideia é mostrar realmente o processo. E foi bacana ver ontem no cinema, junto com o público, como o pessoal respondia. Tem o pessoal que se emociona, tem pessoal que ri. Como é que foi estar junto com parte do elenco para essa primeira sessão?

**MARIANA** - Eu sou muito atenta e muito sensível aos limiares. O que não foi, mas ainda é, o que está indo, o que está passando, como se dá essa passagem. Eu sou muito atenta e cuidadosa de como é que vamos acessando, sabe? Você não está aqui nem está lá. Então foi realmente o primeiro acolhimento de um público maior. Fizemos sessões de trabalho várias vezes em São Paulo, para ir costurando melhor o corte, mas essa foi a primeira vez mesmo que o filme encontrou o olhar do público. Eu achei muito acolhedor, muito emocionante, muito tocante, a forma que o filme chega de várias formas, em pessoas diferentes e que tipo de diálogos isso gera. Me senti acolhida, acho que o elenco se sentiu super acolhido também. E o que eu gosto é de pensar que são pensamentos que vão agora encontrar outros pensamentos, né? Povoar outros cardumes de peixes.

Por ser uma obra verdadeiramente coletiva, *Telúrica, a Íntima Utopia* tem sua força através do elenco. Aqui, os nomes dos atores e atrizes que participaram da peça (e do filme).

**Aécio Cardoso**  
**Amélia Montero de Melo**  
**Ana Carmen Del Collado**  
**Ana Goldenstein Carvalhaes**  
**Carlos Balpa**  
**Carolina Audjemian**  
**Eduardo Lettiere**  
**Erika Inforsato**  
**Felipe Shimabukuro**  
**Jayme Menezes**  
**Leonardo Lui**  
**Luan Bittencourt**  
**Lucas Natan**  
**Marco Antônio Machado**  
**Marcos Brito Marabelli**  
**Marcos dos Santos**  
**Marina Borgiani Jacla**  
**Neith Petry Barros Martinha**  
**Onés Cervelin**  
**Paula Francisquetti**  
**Paulo Dersu**  
**Peri Pane**  
**Peter Pál Pelbart**  
**Pontogor**  
**Rodrigo Sano**  
**Rosana Judkovitch**  
**Sofia Hellmeister**  
**Valéria Felipe Manzalli**  
**Vivi Bento**  
**Participação especial: Juliana Fausto**



Foto - Mariana Lacerda conversa com Rodrigo de Oliveira- reprodução



MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

# OLHE PARA MIM



**D**epois de ter lançado *Cavalo* (2020), ao lado de Werner Salles, exibido no Festival de Tiradentes e no Olhar de Cinema, chegou a hora de Rafael Barbosa fazer seu voo solo em longas-metragens. E ele começa com um filme que nunca joga no seguro. Com pegada onírica, uma levada fantástica, e uma pulsão de desejo, *Olhe Para Mim* convida o espectador a montar aquela história e encontrar significados mil para o que vê. Auxiliado por um elenco muito bem escalado, encabeçado pela múltipla Rejane Faria (em dose dupla no Olhar de Cinema, também estrelando *Yellow Cake*), Barbosa entrega uma obra que suscita boas conversas.

Com roteiro de Barbosa ao lado de Nivaldo Vasconcelos e Jasmelino de Paiva, *Olhe para Mim* nos apresenta ao jovem Marcelo (o estreante Ulis-

ses Arthur), um rapaz cuja ausência da mãe lhe pesa demais. Há dez anos ela sumiu durante uma grande festa religiosa na cidade. Hoje, Marcelo mora com o pai, a madrasta e seu meio-irmão mais novo. Mas o desejo de sair dali é gigante. Em uma festa, Marcelo conhece o enigmático Ivan (Luciano Pedro Jr., de *Cangaço Novo*, 2026). Um clima entre os dois surge e Marcelo, sabendo que o rapaz é de fora, pede para seguir viagem com ele. Mas a mãe protetora de Ivan, Sandra (Faria), pode implicar com a presença daquele rapaz junto deles. Não sabemos ainda, mas Ivan está passando por um período difícil e sua vida corre sério risco.

Tentamos deixar a sinopse mais vaga nos trechos em que o fantástico impera. Importante ao assistir *Olhe para Mim* é saber que as alegorias não são apenas as fantasias que os personagens

usam nas festas - como a de diabo que Marcelo utiliza em seu primeiro encontro com Ivan. O filme é cheio de simbolismos, a começar pela coruja Rasga-mortalha, que é temida pelo seu presságio de morte, mas também respeitada como uma mãe protetora. Maternidade é um tema importante para o filme. Temos um filho sem uma mãe. Uma mãe lutando para não perder seu filho.

Rejane Faria, embora o nome principal do elenco, não é necessariamente a protagonista. Ela está ali dando apoio às atuações de Ulisses Arthur (que é cineasta, mas topou estreiar como ator na obra do amigo) e de Luciano Pedro Jr. (este, criando um amálgama entre homem e bicho, intenso e um tanto assustador). Quando solicitada, Faria assume o controle, especialmente nas cenas em que mostra as ligações com o além que sua personagem possui. Já os rapazes tem ótima química. A cena em que os dois se conhecem é sedutora na medida. Marcelo nunca adivinharia o que o espera quando deseja botar o pé na estrada com aquela mãe e filho. Mas a maneira como ele abraça a situação e entende seu papel naquela família escolhida é de uma sensibilidade ímpar.

Outras participações dignas de nota são do menino Hugo Ramires, que vive o simpático Quim - e que cujos medos são baseados no passado do próprio diretor - e de Aura do Nascimento (de *Salomé*, 2024), que brilha na cena da Monga - além de viver outras duas personagens. Filme dividido em capítulos, acaba sendo mais episódico, com o elenco coadjuvante fazendo pequenas, mas importantes aparições vez e outra.

Com bela fotografia, assinada por Roberto Iuri, e uma montagem que privilegia o quebra-cabeça proposto por Rafael Barbosa, *Olhe Para Mim* talvez não caia tão bem junto ao público que prefere uma trama mais mastigada. Ele pode, sim, às vezes ser mais confuso do que precisava. Mas confusão é algo que estaria na cabeça de qualquer um naquela situação. O filme não chega a ser hermético, longe disso. Existe uma história com começo, meio e fim, mas as lacunas deixadas abertas são o mais divertido de preencher nesta produção alagoana pequena no orçamento, mas gigante nas intenções. Em tempo: vale ficar até o final dos créditos, visto que a cena pós dá mais uma peça para esse quebra-cabeça.



## OLHE PARA MIM

2026 - BR - 89 min -  
Drama, Fantasia - 16  
anos

Dir.: Rafael Barbosa  
Rot.: Rafael Barbosa,  
Jasmelino De Paiva,  
Nivaldo Vasconcelos  
Com Rejane Faria,  
Ulisses Arthur, Luciano  
Pedro Jr, Aura do  
Nascimento  
Dist.: Olhar Filmes  
Cotação: 9



# ENTREVISTA

# OLHE PARA MIM

## RAFHAEL BARBOSA

Conversamos com o diretor de *Olhe para Mim* logo após a coletiva do filme no Olhar de Cinema. A entrevista exclusiva, na íntegra, você confere ao lado e no nosso canal do YouTube.

Foto: Walter Thoms | Olhar de Cinema



**A21 – Rafael, teu filme gera muita conversa, tem vários significados, mas eu queria começar com uma fala que você comentou na abertura, que muito da tua cinefilia começou com um videocassete. E para mim isso conversa muito, porque eu sou da época do videocassete, minha cinefilia começou ali também. E vendo o filme depois eu fiquei pensando: “poxa, eu consigo muito pensar no *Olhe para Mim* assistindo no VHS”.**

**RAFHAEL BARBOSA** - O videocassete foi muito importante na minha vida. Eu sou de Arapiraca, que é uma cidade que hoje tem sala de cinema, mas na época não tinha. Ela teve salas de cinema na época dos cinemas de bairro dos anos 70. E no final dos anos 80, essas salas fecharam. Então eu nasci em 1985, quando eu estava nessa fase da infância e da adolescência, não tinha sala de cinema. Quando eu queria muito ver um filme no cinema, eu precisava viajar para a capital. Para assistir não era fácil, não tinha grana para isso. E aí quando eu passei a ter acesso ao cinema, quando chega esse videocassete na minha casa, que meu pai comprou no crediário, comecei a ver filmes porque alugava com amigos. A gente rachava o dinheiro da fita. Então eu virei um rato de locadora. Eu quase morava na locadora. Eu saía da escola, ia para a locadora e ficava a tarde inteira lá, vendo, lendo as sinopses, levava vários filmes para casa. E foi quando eu pude viver esse mergulho, essa construção cinéfila, a partir do videocassete e da locadora. Depois, quando eu cresci e me mudei para a capital, eu conheci os cineclubes, eu coordenei um cineclubes na universidade e depois me associei a uma sala de cinema. Eu tenho uma sala de cinema em Maceió, que é a único sala de cinema fora do shopping, o Arte Pajuçara. Eu faço parte da associação que gere esse cinema, então faz parte da realização desse sonho. Eu não tinha onde ver filmes e hoje eu coordeno um cinema. E tem uma coisa curiosa

também desse videocassete, que em algum momento ele quebrou. Meu pai não quis comprar outro, primeiro porque não tinha grana e segundo porque eu estava tão obcecado por ver filmes que começou a preocupar a minha família. O defeito do videocassete é que ele ejetava a fita. Eu estava vendo o filme e de repente, do nada, a fita saía. Eu tinha que empurrar a fita de novo. Quanto mais ele esquentava, mais rápido ele ejetava. O filme ia se aproximando do clímax e ele ia ejetando muito mais vezes. (risos) Eu então sentava em frente à TV com um cabo de vassoura na mão e ficava empurrando a fita. E eu vi alguns dos filmes mais importantes da minha construção dessa maneira. Talvez isso explique alguma coisa. (risos)

**A21 - Explica talvez essa fragmentação que também existe no teu próprio filme agora. *Olhe para Mim* tem capítulos e tem algumas questões de mãe e filho que eu acho bem interessantes. Querria que você falasse um pouco sobre os laços familiares da obra.**

**RAFHAEL** - Sim, eu acho que tem algumas premissas, algumas coisas que eram importantes para explorar no filme. Eu acho que a família era uma delas, mas principalmente o símbolo da mãe. E é um símbolo que eu exploro em outros filmes. Eu acho que eu tenho uma coisa com esse tema que talvez tenha a ver com a minha relação com a minha mãe. Mas também me interessa muito pensar a maternidade como essa força muito poderosa da natureza e as diferentes possibilidades de olhar para ela, de encontrar significado nela. Então o símbolo da mãe, ele está no filme de diversas maneiras. Está como esse arquétipo da coruja rasga-mortalha, que é para as religiões de matriz africana a Iyami Osoronga, que é um orixá que representa a grande mãe e a mãe primordial. Mas ele está também em várias mães. O filme tem várias mães fortes, personagens que são mães - a Rose, que é a mãe do Quim, que é a madrasta do Marcelo. Tem a personagem que é a mãe do Gabriel, do

amigo dele. A própria Sandra, que é também essa mãe muito poderosa, que está perdendo o filho no filme, está vendo o filho se transformar. Isso passa a nos dar a possibilidade de falar sobre família a partir de uma outra organização muito diferente, né? Eu acho que vem também dessa abordagem *queer*. Que tipo de família cabe a um personagem como o Marcelo, que não se sente talvez abraçado pela família que ele tem e projeta essa família que lhe acolhe. E eu acho que o filme também trabalha uma coisa da projeção dele. A gente trabalha muito com a ideia de sonho e de projeção, então esse personagem é um pouco também uma projeção do que talvez ele gostaria de ser.

**A21 - *Olhe Para Mim* passou aqui no Olhar de Cinema. E qual é o caminho agora? A distribuição é da Olhar Filmes. Tem alguma data de estreia pra gente poder ver no horizonte?**

**RAFHAEL** - Sim, ele estreia no circuito comercial em abril de 2027. A gente já definiu isso com a Olhar. Mas até lá a gente vai fazer outros festivais, deve fazer uma estreia internacional e alguns outros festivais no Brasil. Estou muito ansioso para estrear em Alagoas e em Penedo, na cidade onde a gente filmou. A gente vai começar a pensar isso agora e marcar essas datas.



Foto - Rafael Barbosa em entrevista com Rodrigo de Oliveira - reprodução



MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

# MAXITA



**C**oncebido originalmente como um curta-metragem, um pedido do xamã Davi Kopenawa para mostrar em vídeo aos jovens Yanomami o que são as minerações que roubam elementos preciosos da terra, *Maxita* não caberia no formato curto. As cineastas Ana Maria Machado e Mariana Machado conviveram com o líder indígena e capturaram material mais do que suficiente para um longa robusto, cheio de cenas emblemáticas e pensamentos luminosos do retratado. De quebra, ainda promoveram um encontro entre dois gigantes líderes indígenas, Kopenawa e Ailton Krenak, em uma cena que só ganha nota baixa porque termina rápido demais. De todo modo, é justo que o encontro não tome maior tempo, visto que *Maxita* não é sobre os dois.

*Maxita Watimapë* significa “comedores de terra”. Na visão de Davi Kopenawa, estamos vivendo em uma sociedade da mercadoria, na qual o que mais importa é ter. Em outras palavras, comer a terra é explorá-la. O povo Yanomami viveu um período sombrio durante o governo Bolsonaro, quando garimpeiros passaram a invadir terras indígenas e usurpar as riquezas da natureza. Com internet chegando onde jamais havia chegado, o povo indígena passou a receber vídeos com fake news, ou a utilizar redes sociais que não geravam boas mensagens. As cineastas foram chamadas para produzir algo que pudesse mostrar aos Yanomami, com a voz de Davi e seu conhecimento, o que de fato acontece não só em território indígena, mas em outras regiões. O curta virou longa, feito para outra plateia que não a indígena.



Fotos: divulgação



Ana Maria e Mariana Machado constroem uma obra que não se limita a apenas ouvir Davi Kopenawa, embora a maior parte do filme tenha sua voz e seus pensamentos. Elas também justapõe imagens que provam o quanto a sede de riquezas da nossa gente promove aberrações - como a imagem de lojas de joias e de ouro uma do lado da outra. O que dizer dos monumentos aos invasores e das placas comemorativas assinadas por deputados e senadores - alguns ainda ativos politicamente? É uma lástima. Nunca mencionado, a sombra do governo Bolsonaro aparece indelével no filme - as gravações começaram em 2019. Ainda que o medo e a violência sejam uma constante, *Maxita* mostra que Kopenawa não esmorece e prova, em palavras e ações, porque é um líder a ser seguido e ouvido.

### MAXITA

2026 - BR - 64 min - Documentário - 12 anos

Dir. e Rot.: Ana Maria Machado e Mariana Machado

Com Davi Kopenawa, Ailton Krenak

Dist.: -

Cotação: 7



# ENTREVISTA

# MAXITA

## ANA MARIA MACHADO MARIANA MACHADO



**A21** – Existe uma cena muito impactante em *Maxita*, quando o Davi Kopenawa vê uma mineração pela primeira vez. Como foi filmar essa cena com ele e como foi essa conversa para ele participar do filme.

**ANA MARIA MACHADO** - Isso veio de um pedido do Davi e de outros Yanomami que queriam conhecer a mineração e mostrar a mineração para os jovens Yanomami. Como eles dizem, a palavra mineração circula muito, mas e a imagem? Como uma pessoa que mora na floresta, que está ali, nasceu e cresceu numa aldeia, pode conhecer e saber o que é uma mineração? Nós levamos o Davi para fazer esse filme para os jovens, a pedido dele. Ele também nos revela um lado que é uma etnografia reversa, que é conseguir enxergar aspectos da nossa sociedade, de uma forma que a gente não consegue enxergar, que muitas vezes a gente tem naturalizado. Então ele causa um estranhamento sobre nós mesmos. Uma crítica forte sobre o que ele chama do povo da mercadoria, que vai comendo, comendo a terra. Os “comedores de terra”, como ele diz, *Maxita Watimapë*. Daí também a gênese do nome do filme, Comedores de Terra.

**MARIANA MACHADO** - Esse pedido do Davi, a gente foi lá, gravou a mensagem dele que foi destinada aos jovens Yanomami e, em seguida, com essa mensagem, a gente criou três vídeos destinados aos Yanomami para circular no WhatsApp deles. Vídeos que falam sobre mineração, vídeos que estavam levando a mensagem de Davi desde Brumadinho até a aldeia do Demini e outros lugares também na terra indígena Yanomami. E é interessante porque a gente tem essa ideia de duas empreitadas, dois filmes, um para os Yanomami, e outro para os Napë, que são os não indígenas. E é interessante que o Morzaniel Yanomami, que está aqui com a gente, que é um grande cineasta Yanomami e fez parte da equipe de câmera do filme, trouxe uma reflexão que

Conversamos com as diretoras de *Maxita* no dia seguinte à sessão da Mostra Competitiva no Olhar de Cinema. A entrevista exclusiva, na íntegra, você confere ao lado e no nosso canal do YouTube.

Foto: Duda Dalzoto | Olhar de Cinema

complexificou tudo. Ontem ele disse que esse filme que a gente pensou para ser destinado aos Napë, é muito importante também para os Yanomami, porque também traz as imagens de mineração e etc. E o pensamento do Davi é todo em Yanomami. Portanto, a gente pode mostrar nas aldeias, todo mundo vai entender por que está tudo em Yanomami, tirando a parte do Ailton Krenak. Então é interessante como se dão esses diferentes caminhos e como que também um pode servir para o outro. A gênese do filme também parte por aí, do desejo de fazer barulho ali na aldeia e fazer barulho no mundo não indígena também.

**A21 - E você falou do Ailton Krenak, que está no filme, é um encontro fantástico entre o Davi e o Ailton. Os dois são amigos de longa data, mas como foi costurar esse encontro em frente às câmeras – acho que é um momento dos principais do filme.**

**ANA MARIA** - Davi e Ailton tem essa relação há 30 anos, desde que eles estavam juntos na constituinte, em 1988, com aquela cena emblemática do Ailton pintando o rosto. E sempre foi uma amizade muito admirável, muito bonita. Eles se alimentam muito um ao outro, eles riem muito, eles estão

muito bem juntos. Eles estão sempre tirando onda da gente, dos brancos. É muito legal. E nós aproveitamos uma ocasião que eles estavam na UFMG, a convite da UFMG - a professora Ana Gomes tinha essa relação já com Ailton, e então nós promovemos o encontro deles ali. Inclusive, teve um seminário muito emblemático, que os dois foram aplaudidos de pé na UFMG por 10 minutos, no período Bolsonaro, que estava todo mundo assim, muito impactado com tudo que estava acontecendo. Então aquela foi a ocasião que a gente conseguiu juntá-los. É sempre um encontro que os dois querem fazer, querem que aconteça. Então é muito legal ver isso, os dois juntos fazendo essa etnografia reversa, eternamente falando mal dos brancos.

**A21 - E corretamente, né?**

**MARIANA** - E esse plano que você mencionou do filme, essa cena que os dois estão andando, que eles fazem um teatro assim, é muito ilustrativo para os Napë, que precisam às vezes de ilustrações, porque a gente não entende. É interessante porque o nosso material bruto dessa cena é dez minutos dos dois zoando os Napë. (risos) Difícil de montar essa cena, mas a gente conseguiu.

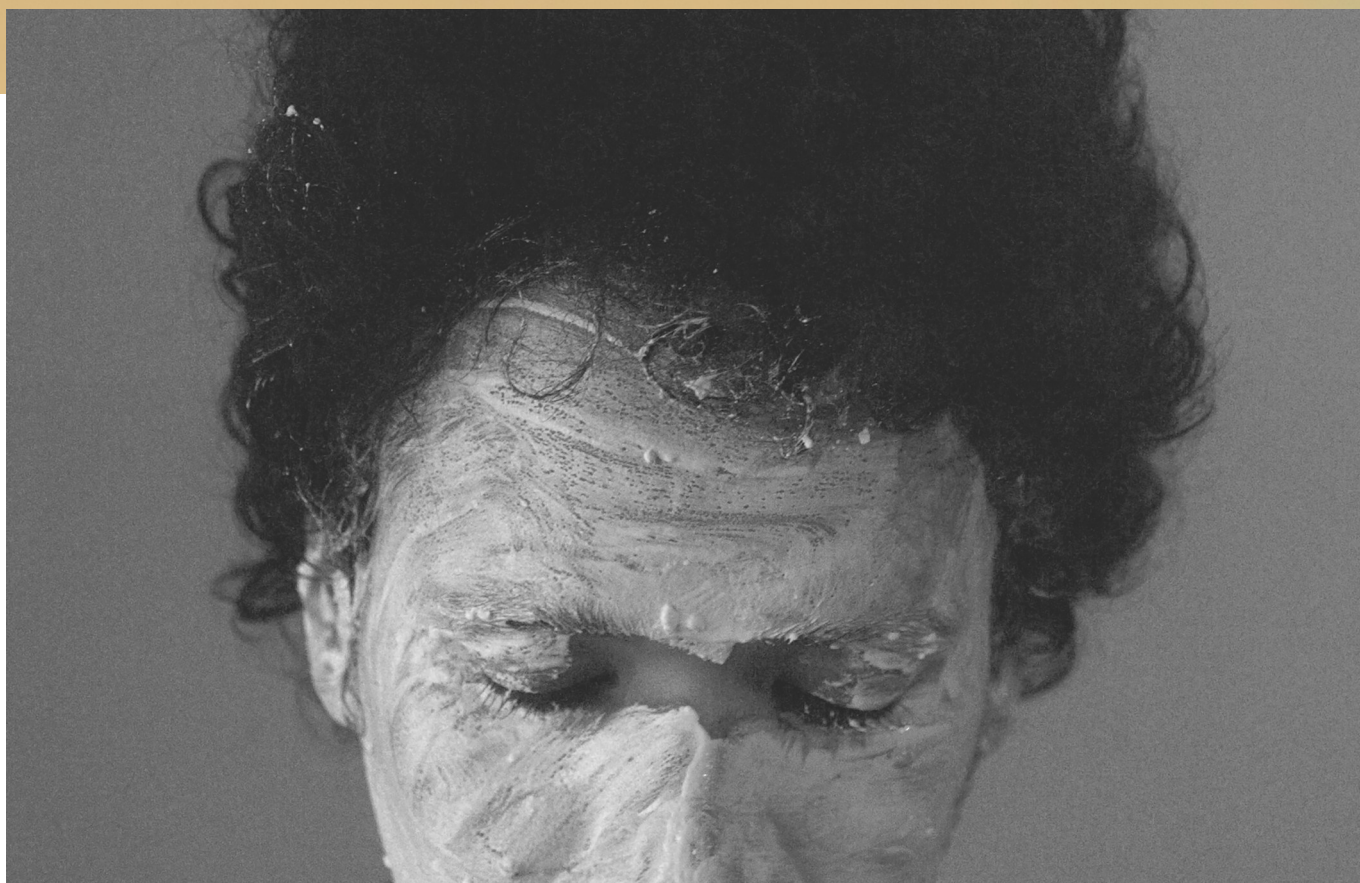


Foto - Mariana Machado e Ana Maria Machado conversam com Rodrigo de Oliveira no Cine Passeio, em Curitiba - Reprodução



MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL

# REPARAÇÃO



**F**az um tempo eu quis, fazer uma canção para você viver mais. No álbum *Televisão de Cachorro*, dos mineiros do Pato Fu, Fernanda Takai e John Ulhôa escreveram uma das mais belas composições do grupo, uma balada em homenagem ao pai de Fernanda, que havia falecido há pouco tempo, vítima de câncer. Na música, a filha elabora o luto e mantém o pai vivo para a eternidade. Ele, afinal, vive para sempre naquela canção. O que Marcus Curvelo faz em *Reparação* não é muito distante disso. Usando a arte que sabe trabalhar, o cinema, o jovem diretor baiano encara um luto duplo - a perda de seu pai e de sua mãe - numa obra que não apenas documenta os últimos dias de cada um, mas tem espaço para poesia, para alegorias e para um adeus que pode tocar qualquer um.

Curvelo não é estranho frente às câmeras. Diretor que costuma aparecer em seus próprios projetos, o cineasta também utilizou algumas vezes seus pais em filmes do passado. Durante a pandemia, voltou a morar com dona Sônia e seu Joel e percebeu o quanto o distanciamento social prejudicou a saúde do pai. Com os primeiros sinais de Alzheimer aparecendo, Marcus resolveu filmar a história de Joel, para guardar um pedacinho do seu pai no cinema.

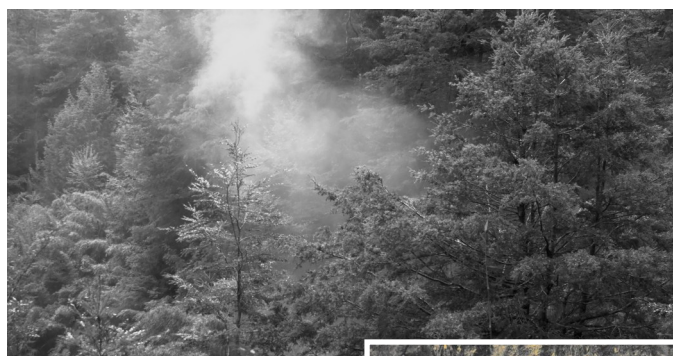
Mas não deu tempo. Ele morre antes do projeto seguir. Com seu falecimento, Marcus convida a mãe para fazer essa homenagem. Pouco mais de um ano depois do passamento do pai, é Sônia quem aparece doente. O filme mostra um pouco do tratamento, mas ainda guarda espaço para digressões não tão distantes, como herança (não



Fotos: Divulgação

necessariamente material, mas simbólica), esfacelamentos e (tentativas de) reparações.

Utilizando do preto e branco, Marcus Curvelo documenta uma parte importante de sua vida, mas de maneira poética. Utiliza alguns elementos que são caros para a família, como o revólver deixado pelo avô, o carro enferrujado do pai, a estátua de Cristo da mãe, e os ressignifica na obra. São trechos que dão um colorido maior a uma obra que tem, em seu primeiro plano, a perda do pai e a presença de quem ficou para trás. Curvelo inclui algumas cenas de Joel - o filme abre com uma conversa telefônica entre pai e filho - e o inclui em alguns trechos, quase como um fantasma. É bárbaro ver como um artista consegue utilizar seu trabalho para encarar um momento difícil com tamanha sensibilidade.



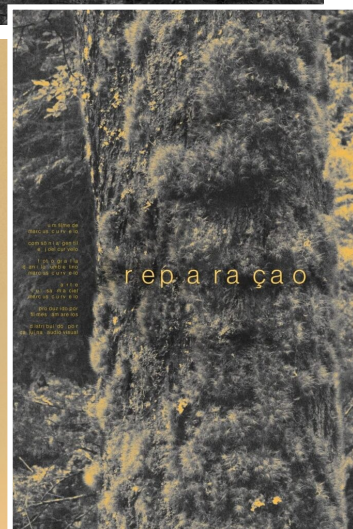
## REPARAÇÃO

2026 - BR - 70 min -  
Documentário, Drama  
- 14 anos

Dir. e Rot.: Marcus  
Curvelo

Com Marcus Curvelo,  
Sônia Gentil Curvelo,  
Joel Curvelo

Dist.: Cajuína  
Cotação: 9



# ENTREVISTA

## reparação

### MARCUS CURVELO

Conversamos com o diretor de *Reparação* logo após a coletiva do filme no Olhar de Cinema. A entrevista exclusiva, na íntegra, você confere ao lado e no nosso canal do YouTube.

Foto: Michelle Diaz | Olhar de Cinema



**A21 – *Reparação* é um filme que despertou muitas emoções aqui no festival. E quando eu estava assistindo, me lembrou muito uma música da Fernanda Takai, do Pato Fu, *Canção para Você Viver Mais*, que ela escreve uma canção para que o pai dela viva mais naquela música. E eu vi o teu filme e pensei "Poxa, o Marcus fez um filme para que seus pais vivessem mais também". Quería que você comentasse um pouco a respeito dessa elaboração do luto que o filme traz e que eu achei tão bonita, tão poética também.**

**MARCUS CURVELO** - Legal essa música. Eu gostava muito, era criança. Engraçado você falando dela. E claro que quando eu falo de infância, vou lembrar dos meus pais, obviamente, pelo maior tempo de convívio com eles. E eles gostavam. Minha mãe, especificamente, gostava de Pato Fu. Foi interessante essa conexão. Sim, quando eu comecei a perceber a finitude deles, o que eu quis fazer inicialmente era filmá-los, especialmente porque meu pai, nos últimos meses de vida, estava num processo de Alzheimer. Então estava se perdendo as memórias, estava se perdendo ele. Ele estava com a gente, mas já aos poucos não mais. E eu lembro de um momento dele, por exemplo, fazer uma ligação de vídeo com a minha irmã, e de ele perguntar para mim depois "quem é essa mulher?" E aí eu lembro também de algum momento assim dele falar com minha mãe, se referir a mim como o Altão, que ele era menor que eu. Um lapso de esquecer meu nome. Como eu tinha voltado para casa pós pandemia, aquele momento de ficar sem trabalho, muita gente que teve esse privilégio e sorte de conseguir voltar por um apoio dos pais depois de ter saído. Eu tive e eu voltei em 2021, passei um ano com eles ali. E foi um momento que eu acompanhei essa finitude dele. E aí me veio essa coisa: "nossa, eu preciso registrar meu pai, eu preciso ouvi-lo". Eu já tinha colocado ele em alguns curtas meus, mas muito de forma periférica,

nunca como figura central. Só que não deu tempo. Não consegui sentar com ele para entrevistá-lo. Também senti que não ia render muita coisa. Não era o tipo de coisa que eu queria fazer. Então fiz algumas imagens mais contemplativas dele. Estava com a ideia de fazer alguma coisa performática, também usar esse lugar do esquecimento, mas também sem expô-lo, de forma ética. O quanto de anuência que ele ia ter daquilo, quanto de ciência que ele teria do que estava acontecendo? Então estava muito também nesse lugar ético do que fazer com ele naquelas condições. E aí ele morreu. Aí eu falei: “vou fazer então agora um filme com minha mãe sobre ele, sobre nossa relação, que foi o começo de tudo”. Então parte dessa ideia era de registrá-lo, de contar a história dele. Mas não num lugar puramente egoico. Por que fazer um filme do meu pai? Por que isso seria relevante? Estão tentando também me colocar no filme, mas a partir de questões mais estruturais: o que se passa de herança, essa masculinidade. Tinha a questão da arma muito central, como uma herança que era o objeto que ele guardava com mais carinho, era do pai dele aquela arma.

**A21 - Mais como um objeto de ligação com o teu avô do que pela violência.**

**MARCUS** – Sim, ficava guardado como uma relíquia. E para mim tinha um lugar de medo. Eu não podia chegar perto, obviamente. Eu não sabia onde ficava, ficava escondida na casa. O filme passava muito também por esse lugar, a conexão que eu comecei a fazer pra sair do lugar mais egóico, de um filme simplesmente sobre o meu pai. Quase perdi as imagens quando dois HDs queimaram. E aí me veio uma sensação muito urgente. Eu não posso perder essas imagens, são as imagens do meu pai; eu e minha mãe conversando sobre ele, conversando coisas muito íntimas. Sobre ele, sobre ela, os sonhos dela de trabalho, a relação dela com a questão da arte. E a gente nesses lugares, tentando jogar essas cinzas, eu e ela. Tentando achar

o lugar perfeito para jogar essas cinzas dele. E aí falei, preciso resgatar isso. E a gente foi juntos nesse dia, ela foi pro dentista, a gente deixou o HD para recuperar, e ela nesse dia me mostrou a rua onde ela nasceu, pela primeira vez em 35 anos.

**A21 - Vamos falar um pouquinho sobre a distribuição do filme, porque nem sempre um filme que chega no festival já tem distribuidora, mas vocês já têm a Cajuína. Como serão os próximos passos?**

**MARCUS** - É, a ideia é fazer uma circulação agora no segundo semestre, festivais e que a gente consiga ter essa atenção, consiga ter debate, consiga ter esse cuidado com o filme. E a gente quer lançar comercialmente. Temos desafios, obviamente, para lançar qualquer filme no circuito brasileiro, qualquer filme brasileiro. E esse filme, por ser muito artesanal, pessoal também, mais ainda. Mas, enfim, a gente quer que ele chegue em lugares, por mais que ele passe em poucas salas. Eu nunca estreei comercialmente nenhum filme, eu só tenho um longa-metragem anterior em codireção chamado *Eu, Empresa*, que a gente lançou na pandemia, então foi online e tudo. Eu quero muito que esse a gente distribua o que a gente conseguir fazer. E não vai ser sobre quantidade, vai ser sobre tentar gerar sessões que façam algum sentido.



Foto - Marcus Curvelo conversa com Rodrigo de Oliveira - reprodução



MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL



# ADULTO/HOMEM



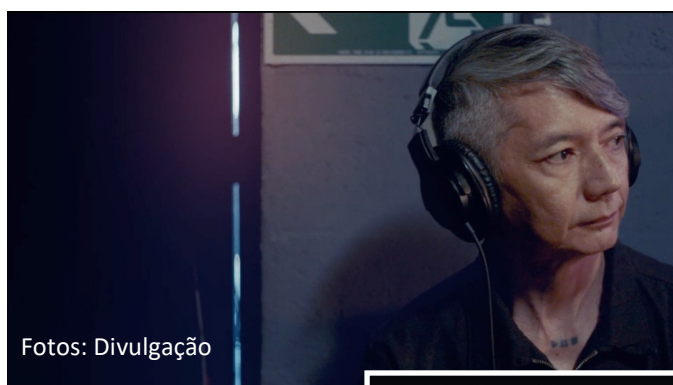
**P**edro Diógenes lançou, em 2024, um dos melhores filmes brasileiros do ano em *A Filha do Palhaço*. Quem for buscar *Adulto/Homem* esperando algo nas mesmas linhas vai se surpreender. Diógenes não se repete. Nem em gênero, nem em temática, muito menos em execução. *Adulto/Homem* é um exercício, realizado em pouco tempo, com recursos parcos e que pode perder parte da audiência pelo rigor da forma. Mas traz discussões interessantes sobre o ofício do ator, de maneira verdadeiramente ímpar. Dificilmente você já ter visto algo igual.

A sinopse do filme cabe em uma linha: o que podem dizer 20 rostos de atores que estão à espera de um teste de elenco? Com essa premissa em mãos, Diógenes filma em apenas um take uma fila de atores esperando pela chance de fazer um teste para um filme. O texto a ser ensaiado é do roteirista e diretor Rodrigo de Oliveira (meu xará), do filme *Teobaldo Morto, Romeu Exilado* (2015).



Enquanto a câmera se movimenta com um travelling lento no rosto dos atores, que aguardam por sua vez, ouvimos em off o que poderia ser interpretado como o pensamento de cada um. Poderia, porque nem sempre isso é exatamente verdadeiro. Diógenes gravou depoimentos solo dos atores e também em grupo, lançou mão do som do filme de Rodrigo de Oliveira, buscou músicas para preencher os fones de ouvido dos atores em cena. É uma mistura que funciona na maior parte do tempo. Mesmo o fato de não termos certeza de que as vozes são mesmo as dos atores que estão enquadrados, isso pouco importa. O que interessa são as agruras que os atores dividem com o espectador, impressões que nem sempre temos a respeito do ofício e da dureza de se passar por testes e testes a fio.

Se é verdade que o filme poderia ser mais curto, também é um fato que Diógenes busca aproveitar esse tempo com o maior número de vozes possível. É um filme que tem potencial para mudar ambientes em seleções de elenco, um processo que poucas vezes tem empatia pelo outro. Com boas histórias e um elenco comprometido com a proposta, *Adulto/Homem* é imperfeito, porém singular.

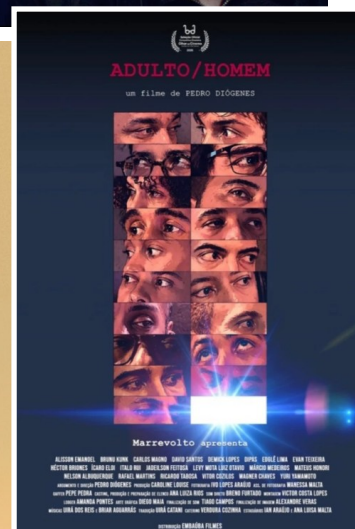


## ADULTO/ HOMEM

2026 - BR - 70 min -  
Documentário - 14  
anos

Dir. e Rot.: Pedro  
Diógenes

Com Alisson Emanuel,  
Brunu Kunk, Carlos  
Magno, David Santos,  
Demick Lopes, Dipas  
Dist.: Embaúba Filmes  
Cotação: 7



# ENTREVISTA

## ADULTO/ HOMEM

### PEDRO DIÓGENES

Conversamos com o diretor de *Adulto/Homem* logo após a sessão de reprise do filme no Olhar de Cinema. A entrevista exclusiva, na íntegra, você confere ao lado e no nosso canal do YouTube.

Foto: Walter Thoms | Olhar de Cinema



**A21 - Pedro, o teu filme anterior, *A Filha do Palhaço*, ficou entre os 10 melhores do ano para a ALMANAQUE21. E esse seu novo filme é totalmente diferente do outro trabalho. Eu queria que contasse um pouquinho a respeito desse projeto, que você falou aqui na sessão que era uma coisa que queria fazer com menos dinheiro, com uma equipe mais limitada, mas com grandes aspirações artísticas.**

**PEDRO DIÓGENES -** Massa. Eu acho que uma das coisas que mais me move, mais me instiga fazendo cinema, é poder fazer de diferentes formas. Para mim não existe só um jeito de fazer cinema. Para mim existem infinitas possibilidades de se fazer um filme. E *A Filha do Palhaço* foi um filme que eu demorei 10 anos entre começar a escrever o roteiro e ele passar. Um filme que contou com edital, com orçamento, que tivemos uma equipe grande, muitos dias para filmar. Mas agora o *Adulto/Homem* foi o caminho inverso. Foi um filme feito de maneira muito rápida, sem recurso de edital ou de qualquer outro lugar, filmado em uma tarde, num único plano. Então são movimentos diferentes, de desejos de fazer cinema. E pra mim, que sou um realizador que gosto de estar realizando a todo momento, que faço da direção um ofício cotidiano, um ofício diário. Para mim é muito importante ter esses dois tipos de projetos e de vontades. Tanto os filmes maiores, que vão demorar mais tempo, que vão exigir uma outra relação com os editais, mas também poder fazer filmes com outro tipo de estrutura, filmes menores, para que eu não fique dependente desses editais, desses tempos, para que eu possa estar criando também de outra forma, às vezes, como é o caso do *Adulto/Homem*, juntando alguns amigos, algumas pessoas que eu admiro em um dia e fazer um filme a partir disso.

**A21 -** Você falou aqui no começo da sessão também que é fascinado pela profissão de ator. Depois de ver esse filme e depois de fazer esse fil-

**me também, você acha que talvez entenda um pouco melhor o que é ser ator ou consegue se colocar mais na pele de um ator?**

**PEDRO** - Eu acho que tem alguns dramas, algumas inquietações, algumas angústias que são muito semelhantes, tanto para mim como diretor, que são essas esperas, essas aprovações, esses muitos não que a gente recebe tentando fazer nossa arte, e que eu acho que se assemelha com qualquer profissão. Mas o ofício do ator é muito mágico, é muito único. Exige uma coragem, uma entrega que eu não tenho, de jeito nenhum. E eu acho que é isso que eu admiro muito, essa coragem de você estar se jogando, estar vivendo outras emoções, tendo que pegar emoções que não são suas, mas ter que viver aquelas emoções. Eu acho isso muito bonito, muito corajoso, de uma entrega gigante. Eu faço cinema há 20 anos e acho que fui aprendendo com o tempo e cada vez mais admirando esse ofício de ator, de atriz. E o *Adulto/Homem* é a vontade de trazer isso como uma reflexão, como uma questão, como tema principal do filme.

**A21 - *Adulto/Homem* tem a questão de a câmera ir num travelling no rosto dos atores. Parece uma coisa simples, mas não é porque o ator tem que expressar alguma coisa também. Ele pode às vezes até ficar sem expressão e pode ser algo interessante para o papel, mas a gente vai vendo isso. O que você conversou com os atores para que na hora se construísse isso?**

**PEDRO** - Neste caso, a imagem e o som para a realização foram duas camadas bem separadas. Teve essa tarde que a gente gravou a imagem, mas antes disso a gente teve dois encontros com os atores. Tanto para explicar qual era o filme, para fazer eles entrarem na onda ali que a gente queria. Fizemos alguns exercícios corporais para eles criarem intimidade. E o mais importante é que fizemos essas conversas. Tanto uma conversa com todos, quanto conversas individuais. E a camada principal

do som do filme sai dessas conversas. Junto, lógico, com uma camada musical. Então o filme é um entrelaçamento dessas camadas, dessa camada da imagem que foi feita de forma independente e desses sons que foram gravados. E a atuação era uma atuação muito particular, que é essa atuação quase de não atuar, mas um ator tentando não atuar é muita atuação.

**A21 - Agora, como diretor, você vai mudar o seu tipo de teste para os seus próximos filmes? Como vai funcionar isso agora? Porque depois desse filme, acho que não tem como não pensar diferente, não?**

**PEDRO** - Total. É um aprendizado. Cada filme é um aprendizado. Conviver e ouvir esses atores foi um grande aprendizado. Eu já não fazia esses castings em chamadas públicas, porque eu sempre acho um pouco cruel. E aprendi muito com o filme, nessas relações com os atores e atrizes. E que é uma coisa muito importante nessas escolhas, mas que a gente tem que fazer com muito cuidado, com muito carinho, olhando muito para o outro, com a escuta atenta e tentando fazer a coisa da maneira mais sincera e direta possível.



Foto - Pedro Diógenes conversa com Rodrigo de Oliveira - reprodução



MOSTRA COMPETITIVA NACIONAL



# FIZ UM FOGUETE

IMAGINANDO QUE VOCÊ VINHA



**F**iz um *Foguete Imaginando que Você Vinha* é tão redondinho, que nem parece que existia um outro filme bem diferente em outras encarnações do projeto. O roteiro chegou a ser um *roadmovie* com destino ao Paraguai, chamado *Amores Paraguaio*s. Era mais realista em outra versão. Tinha três horas em outra. Não dá para adivinhar quantas intempéries este foguete passou para que aterrissasse de maneira suave nas telas. Pode ser apenas magia do cinema, mas é mais correto atribuir aos talentos envolvidos, a começar pela diretora estreada Janaína Marques, que foi convidada a participar do projeto e deu sua própria cara ao longa. O roteiro, outro predicado do projeto, foi escrito a oito mãos, assinado por Xenia Rivery, Pablo Arellano, Pedro Cândido e Taís Monteiro.

Na trama, Rosa (Verônica Cavalcanti) está passando por maus bocados na vida. Existe um vazio dentro dela, maximizado pelo recente divórcio e por notar sua vida à deriva. Pensando estar doente, Rosa passa por diversos exames e se dá conta de algo estarecedor quando está prestes a entrar em uma máquina de ressonância: não consegue pensar em memória feliz alguma. A partir dali, começamos a entender um pouco o vazio de Rosa, algo a ver com a ausência de sua mãe, Dalva (Luciana Souza). As duas se reencontram e passam a viajar juntas, vivendo grandes aventuras enquanto relembram o passado que viveram (e que não viveram) juntas.

Pode parecer estranho que Luciana Souza interprete a mãe de Verônica Cavalcanti, visto que as duas tem apenas dois anos de diferença uma da

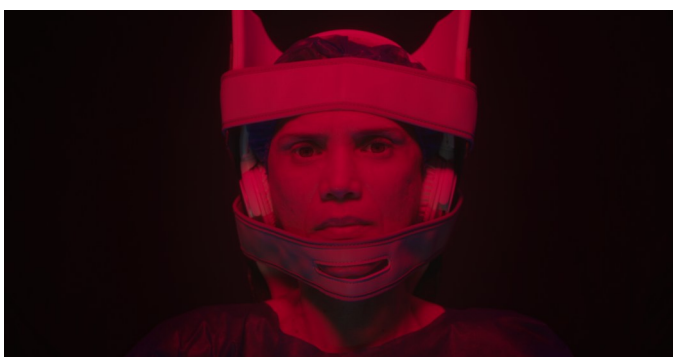


outra. O filme explica bem como isso funciona, nunca escondendo as suas características oníricas. De início parecendo algo como *Thelma e Louise* (1991), *Fiz um Foguete Imaginando que Você Vinha* logo revela suas verdadeiras tintas. É engraçado sem ser histriônico, é afetuoso sem ser piegas, é críptico sem ser confuso.

A montagem de Fred Benevides e Luísa Marques é essencial para o bom resultado. A revelação do carro; a cena do banheiro, com o sangue, em vez da tinta do cabelo; as elipses que colocam Rosa em diferentes locais, sem entender; são muitos os momentos em que a montagem impulsiona esse foguete.

Mas nada disso seria o mesmo sem a dupla de atrizes que defende as protagonistas. Verônica Cavalcanti tem a responsabilidade de criar alguém despedaçado, que vai se reconectando, se remontando com o decorrer da trama. Luciana Souza, por sua vez, é uma pessoa solar e bem resolvida, mas que precisa correr atrás da filha por um perdão que não sabe se merece. É uma dobradinha feita nos céus. O filme, inclusive, dá uma pequena desencanação quando Dalva some, mas retoma pouco depois no desfecho.

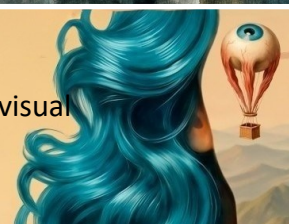
O título do longa, *Fiz um Foguete Imaginando que Você Vinha*, é belíssimo e embora a cena que fecha a história pareça criada apenas para justificar o nome, não chega a ser um pecado capital. Afinal de contas, fizemos essa viagem com a dupla, percorremos caminhos insondáveis e encontramos um carinho entre mãe e filha que pode existir só na imaginação, mas que o espectador leva consigo ao final.



Fotos: Divulgação

## FIZ UM FOGUETE IMAGINANDO QUE VOCÊ VINHA

2026 - BR - 92 min -  
Dramédia - 16 anos  
Dir.: Janaína Marques  
Rot.: Xenia Rivery,  
Pablo Arellano, Pedro  
Cândido e Taís  
Monteiro  
Com Verônica  
Cavalcanti e Luciana  
Souza  
Dist.: Moçambique Audiovisual  
Cotação: 9



# ENTREVISTA FIZ UM FOGUETE

IMAGINANDO QUE VOCÊ VINHA

JANAÍNA  
MARQUES  
VERÔNICA  
CAVALCANTI  
LUCIANA  
SOUZA



Conversamos com a diretora e as atrizes do longa vencedor do Olhar de Cinema algumas horas antes da premiação. Na foto, Janaina Marques com a estatueta de Melhor Filme ao lado de Luciana Souza (à esquerda) e Verônica Cavalcanti (à direita) Foto: Walter Thoms

**A21 - Janaína, como é que foi essa ideia de construir essa história, esse foguete que a gente viaja juntos?**

**JANAÍNA MARQUES** - Essa história, ela nasceu no laboratório Cena 15, em Fortaleza, pelas mãos de Taís Monteiro e Pedro Cândido. E com o tempo, ela foi se transformando no que é hoje. Eu fui convidada a dirigir essa história, mas toda a minha experiência como filha, como mãe, meu repertório de vida, as imposições que a sociedade de alguma maneira me impõe como mulher, como artista, acho que tudo isso está no filme de alguma maneira. O filme ganhou mais outros dois roteiristas, que é o Pablo Arellano e a Xenia Rivery, e foi filmado durante a pandemia, com uma equipe que precisava de um respiro, precisava acreditar que, sim, existia futuro, que, sim, existia pulsão de vida naquele momento tão sofrido que a gente estava vivendo. E de alguma maneira, eu sinto que toda essa vontade de viver, toda essa crença que a gente tem na imaginação, no afeto e na própria arte, passou para o filme naquele momento. E aí eu acho que múltiplos fatores fizeram o filme ser o que ele é. Que bom que o filme chega no Olhar de Cinema - ele estreou na Berlinale e foi lindo. E agora chega em território brasileiro, que é onde a gente sempre espera chegar. Falar seu idioma, se comunicar, ouvir como as paisagens do Ceará, da forma como estão filmadas, se conectam ao sensorial e traduzem emoções. E muito feliz, muito feliz de estar aqui com parte da equipe, de falar sobre o feminino, de colocar no centro da narrativa duas mulheres e de alguma maneira também fazer um filme que é pra cima, é pela vida, é pela cura, é pela sobrevivência e pela existência feminina - não necessariamente só o feminino, mas humana, né?

**A21 - Verônica, a Rosa tem um rombo, algo que ela precisa buscar. Eu queria falar um pouco a respeito disso, dessa procura e como você construiu também essa parceria com a Luciana.**

**VERÔNICA** - Essa mulher que está passando por um momento difícil na vida, está se sentindo doente, está carregando traumas, está carregando abandonos. E ela chega num momento da vida que está tão insuportável que ela chega a achar que está com uma doença e procura um médico. Ela é encaminhada para esse exame de ressonância. E aí ela é orientada, para amenizar o desconforto de estar naquele túnel, naquela máquina, a pensar numa memória feliz da vida. E aí ela se dá conta de que ela não tem nenhuma memória feliz pra acionar naquele momento. E aí ela resolve que ela vai criar essa memória feliz. E aí tudo acontece no plano da imaginação, ela vai resolver essas questões, ela vai se reencontrar com essa mãe que faz tanto parte desse incômodo que ela tem com relação a essa questão do abandono. O filme toca muito nessa questão do afeto, da reconciliação, da imaginação como ferramenta de sobrevivência. E é isso. Eu, particularmente, sinto que o filme tenta muito afetar e ser afetado. Eu acho que isso é um desejo da gente, pelos afetos. Eu acho que o filme fala muito sobre isso.

**A21 - Luciana, a tua personagem, ela tá correndo atrás também de um perdão, correndo atrás de uma filha. Ela é diferente da Rosa, tem essa coisa solar, mas carrega um peso.**

**LUCIANA** - Essa personagem corre atrás. Eu entendi logo que o entendimento não é o entendimento racional, de compreender desde o princípio. A

gente vai ver isso ao longo. Então, o que eu percebo hoje é que ela tem uma característica de liberdade, de aventura. Eu acho também que é um filme de aventura. Esse deslocamento desses lugares que a gente passeia. E isso também para o nosso olhar. É impactante para o nosso corpo e para o nosso olhar. Então, eu acho que Dalva bebeu disso. E eu sou uma pessoa que eu gosto de fazer caminhadas, então isso também foi importante para mim. De alguma forma, eu me senti livre também nesses espaços, nesses lugares, e correr atrás pelo fato de a gente ter ficado muito tempo juntas. Eu acho que a gente teve esse encontro. Verônica, ela contracenava com outras pessoas, mas eu, na maioria do tempo, a minha personagem contracenava com a dela. Então, essa condição de ficarmos o tempo todo ali, tête-à-tête, frente a frente, isso nos moveu de alguma forma pra gente ir tirando coisas da gente e construindo essa relação. Então, isso foi muito positivo também para a construção dessa personagem.

**A21 – E qual é o caminho do filme daqui adiante?**

**JANAÍNA** - Ele vai ser lançado nas salas comerciais em novembro desse ano. Não está tão longe. E até lá, esperamos também participar de alguns outros festivais para que o filme possa encontrar outros públicos brasileiros. O que a gente mais quer é que o filme possa conectar, possa chegar a atingir o maior número de pessoas possível. A gente está muito empolgada.



Foto - Janaína Marques, Verônica Cavalcanti e Luciana Souza conversam com Rodrigo de Oliveira no Cine Passeio, em Curitiba - reprodução



EXIBIÇÃO ESPECIAL

# FLORA & AIRTO

## O SOM REVOLUCIONÁRIO



**D**ocumentários musicais são uma importantíssima maneira de manter a memória da nossa cultura. E Jom Tob Azulay é um cineasta que batalha nesse front há anos, tendo nos entregue alguns dos melhores exemplares desta seara, como *Os Doces Bárbaros* (1977) e *Elis & Tom: Só Tinha de Ser Com Você* (2022). Em *Flora e Airto: O Som Revolucionário*, Azulay se aliou ao produtor musical Ricardo Bachelar para contar a história de dois nomes importantíssimos do jazz brasileiro (e mundial): o casal Flora Purim e Airto Moreira. O pulo do gato neste projeto é o fato de não ser um documentário quadrado, com cabeças falantes, cenas de arquivo e narrações em off. O que Azulay concebe é uma ode à carreira da dupla a fazendo voltar ao estúdio e trabalhar em algo novo. Desta maneira, o cineasta

transforma o que poderia ser apenas mais um doc musical, importante, mas usual, em uma pequena joia rara.

A ideia inicial do filme, na verdade, era algo nos moldes mais tradicionais. Mas Flora não ficou muito animada com o conceito, só mudando de ideia quando veio o convite para fazer o disco que é capturado pelas câmeras de Jom Tob e sua equipe. Com mais de oitenta anos de idade, Flora Purim e Airto Moreira se mostram muito criativos, cheios de vontade de fazer algo novo, mesmo que nem sempre estejam prontos para tanto. O documentário é muito honesto a respeito do processo de se fazer um álbum, especialmente naquelas condições especiais. Flora Purim não é mais a cantora que foi antes, e isso é totalmente compreensível. Quando ela entende que precisa ser diferente, que precisa



Fotos: Divulgação

abraçar as condições que estão à sua frente, tudo se abre. Os momentos que dividimos com ela no estúdio, enquanto pensa em como incluir seu molho em uma faixa gravada pelo marido, é divina. O take é longo, com Jom Tob deixando que experimentemos aquele momento ao lado de sua protagonista. Airto também ganha destaque, claro, mas seu retorno ao estúdio parece mais tranquilo. Percussionista de mão cheia, Airto parece uma criança quando volta aos seus instrumentos inventivos do passado e faz uma jam com um músico mais jovem. É pura magia.

Depois de uma sessão de *Flora e Airto: O Som Revolucionário*, só resta ao espectador esperar ansioso pelo lançamento do disco que é capturado no filme. A boa notícia é que ele não deve demorar a sair.

## **FLORA E AIRTO: O SOM REVOLUCIONÁRIO**

2026 - BR - 98 min -

Doc - 12 anos

Dir.: Jom Tob Azulay

Rot.: Jom Tob Azulay e

Vinícius Nascimento

Com Flora Purim e

Airto Moreira

Dist.: Embaúba

Cotação: 10



# ENTREVISTA

## FLORA & AIRTO

O SOM REVOLUCIONÁRIO

# JOM TOB AZULAY

# RICARDO BACELAR

Conversamos com o diretor e o produtor de *Flora e Airto: O Som Revolucionário* no dia seguinte à sessão especial no Olhar de Cinema. A entrevista exclusiva, na íntegra, você confere no nosso canal do YouTube.

Foto: Walter Thoms | Olhar de Cinema



**A21 – Jom Tob, percebi no teu olhar ontem, depois da sessão, que você estava emocionado com a recepção do público.**

**JOM TOB AZULAY** - Eu estava emocionado por uma série de circunstâncias: o filme, particularmente; a ocasião; Curitiba, porque a minha família originalmente é daqui. Agora, o que eu falei é verdade, é sincero. Estou nessa história há mais de 50 anos e devo reconhecer e admitir que a gente só sabe mesmo o que a gente faz depois que faz. Eu li que próprio Deus, quando fez a Terra, primeiro dia, segundo, terceiro, quarto e no sétimo, ele olhou e gostou do que viu, de maneira que ele não sabia o que era, só depois que fez é que realmente gostou, né? Quer dizer, até Deus não sabia o que estava fazendo, imagina nós? (risos)

**A21 - Ricardo, você é um instigador no filme, puxa tanto a Flora e o Airto no estúdio, incentiva. O Jom Tob diz que teve muita conversa para que a história acontecesse. Fale um pouquinho a respeito disso também, sobre o teu papel no filme.**

**RICARDO BACELAR** - O Jom Tob me telefonou para nós produzirmos juntos o filme. E ele é o diretor e nós somos os produtores, juntos. Eu fiz a direção musical. Inicialmente, iria ser um filme documental. A Flora estava interessada, mas não tão interessada assim. Seriam imagens de arquivo, aquela coisa. Foi quando a gente teve a ideia de fazer um disco. E quando eu convidei a Flora para fazer um álbum com o Airto, tudo mudou. Fazia tempo que eles não faziam disco e mostrei o estúdio que eu tenho em casa e faço colaborações com muitas pessoas. Faço projetos escolhidos muito a dedo e convidei-os para fazer um. Eles ficaram muito impactados com esse convite e isso mudou muito a rotina deles. Eles começaram a ficar falando sobre isso o tempo todo. No começo, ela não queria nem aparecer no filme.

No começo, a Flora não queria, queria só imagem de arquivo. Quando a gente encontrou a Flora a primeira vez, ela não queria nem bater uma foto, né?

**A21 - O caminho que ela passou para chegar até esse filme, hein?**

**RICARDO** - É, e o interessante do filme é a coragem que eles tiveram de ir fazer. Mesmo com as limitações, mas tiveram a coragem de ir, de fazer e de passar pela provação de se aceitar como artista depois de tanto tempo. Porque eles tinham uma performance diferente. Hoje são outros músicos. Tão geniais quanto, mas numa outra hora, numa outra época da vida. Então, meu papel, eu produzi o disco. Aquilo ali é um filme sobre a produção de um disco. E eu estava trabalhando como produtor mesmo, instigando, escolhendo o que é que vai, vale, não vale, vamos fazer a boa, vamos por aqui, provocando, conduzindo o trabalho musical. Se você deixar todo mundo apitar, não tem trabalho, tem que ter um diretor para o disco, né?

**JOM TOB** - E você dirigiu com mão de ferro, né?

**RICARDO** - É, você tem que ter certo pulso. Mas tudo com carinho, com respeito. Mas foi uma experiência incrível. Até falei ontem na exibição, pra mim foi particularmente difícil, porque era dentro da minha casa. Então eu tinha que cuidar do almoço, da gravação, dos arranjos, da equipe de filmagem, nossa equipe também com os músicos e as partituras e os arranjos. A Flora também teve uma gripe no meio do filme, eu tive que cantar a guia nas músicas. Foi uma dificuldade, mas deu certo.

**A21 - Deu muito certo. Jom, uma coisa também bonita do filme é ver como você escolhe também mostrar ali a Flora e o Airto trabalhando. Tem uma cena muito bonita que é ela ouvindo a canção e está pensando o que ela vai colocar ali e a câmera está bem fechada nela. O quão perto a câmera estava e o quanto ela ficou a vontade com isso?**

**JOM TOB** - Olha, a proximidade com a Flora e com o Airto num determinado momento, eu acho que isso aí foi até instintivo. Agora, vendo o filme é que eu vejo como é que a gente fica apreensivo. Não fico apreensivo com eles, não, porque a gente percebe que eles têm uma percepção do que está acontecendo e eles sabem caminhar qualquer situação. Se tivesse, por exemplo, um deles sentados aqui, eles iam comandar a cena. Então essa certeza, de que eles sempre sabiam o que estavam fazendo, mesmo quando negaceavam. Ele nunca, mas ela ia para um lado, para o outro. Efetivamente, o desafio dela foi maior do que o dele, entendeu? E nesse sentido, tem milhões de coisas que acontecem. E uma delas, talvez a primeira, foi uma coisa que aqui o mestre Ricardo Bacelar, com a sua experiência de músico, de musicólogo. Eu manifestei: “mas será que ela vai conseguir cantar como ela cantava?” Isso aí foi uma dúvida que certamente ela também teve. E Ricardo disse: “não, vai ser uma outra coisa. Hoje ela é uma outra cantora”. Da mesma maneira que hoje eu não sou o que eu era há 50 anos, há 25 anos. Consequentemente, se você é um cantor e principalmente que depende de cordas vocais, de condições fisiológicas e tudo mais, isso aí vai se transformando com o tempo, você vira outra pessoa. Então ele disse que o que a gente vai ver é uma nova cantora. Isso aí me chamou a atenção. E eu quero ser o cineasta para registrar o aparecimento dessa nova cultura.



Foto - Ricardo Bacelar e Jom Tob Azulay conversam com Rodrigo de Oliveira - reprodução

# ENTREVISTA



## Olhar de Cinema

Festival Internacional de Curitiba

/ Curitiba Int'l Film Festival

## ANTONIO GONÇALVES JR.

Conversamos com um dos fundadores do Olhar de Cinema, o diretor geral e artístico Antonio Gonçalves Jr. A entrevista, realizada no penúltimo dia do festival, pode ser vista na íntegra no nosso canal do YouTube.

Foto: Walter Thoms | Olhar de Cinema



**A21** - Eu já estive no Olhar de Cinema muitos anos atrás, na quarta e na quinta edição, e é muito bacana ver como o festival cresceu. E eu queria fazer um passado a limpo dessa edição. Estamos aqui no penúltimo dia, muita coisa aconteceu. E algo que me chamou muita atenção é a lotação das salas. Dia de semana, à tarde, a gente sabe, muita gente trabalha, não é um período de férias, mas muita gente participando. Curitiba abraçou o festival.

**ANTONIO** - A gente ficou muito feliz, porque no começo do festival, primeiro ano, nosso maior medo era não ter público. A gente tinha outros festivais. O Olhar de Cinema surge num momento que aqui em Curitiba outros festivais acabaram. Dois deles, no caso, acabaram por conta de falta de público, de falta de conexão com a cidade. A gente, desde o começo, pensa muito nisso. Claro que nos primeiros anos é muito mais desafiador, porque as pessoas não conhecem. Mas desde o primeiro momento, desde a primeira edição, a gente teve um resultado muito legal, muito superior do que a gente estava imaginando. E ano a ano, os cinéfilos, não só Curitiba, muito mais gente também do Brasil inteiro vem para cá, curtir o festival. E a gente sempre fala: o festival tem um orçamento muito limitado, então a nossa maior propaganda é o boca a boca. Você que vem aqui e fala: "Pô, Olhar de Cinema é muito legal", a pessoa vai falar "Eu quero ir então ano que vem", se programa para vir. Não é um mês de férias, é o mês de junho, é um mês difícil para as pessoas viajarem. Mas muita gente, cada vez mais vindo de fora de Curitiba. E sem dúvida, Curitiba sempre abraçou o festival desde a primeira edição e eu acho que o que aumentou mais é a presença de gente de fora, que se programa, tira umas férias, tira uns dias.

**A21** - Quando eu cheguei aqui, no dia 4, teve a sessão de *Yellow Cake* à noite ali na Ópera de Arame. E 1500 pessoas no lugar, que é uma coi-

**sa nada fácil de conseguir. E o Olhar de Cinema também tem uma coisa interessante, que desde a primeira vez que eu vim eu já vi, que é uma programação e uma curadoria diferente. Não é um cinema tão óbvio. Então colocar 1500 pessoas numa sala de cinema pra ver cinema brasileiro, pra ver um cinema brasileiro ainda que se arrisca, eu acho que é uma baita propaganda de como tem funcionado.**

**ANTONIO** - E infelizmente só cabiam 1500, porque tinha muito mais gente ainda querendo comprar, foi uma loucura. Então a gente fica muito feliz realmente com esse retorno, porque também foi há quatro anos que a gente começou a fazer abertura na Ópera de Arame e desde a primeira edição já lotou. Aí no segundo ano a gente ficou com medo e falou: “vamos fazer de novo”. E todo ano tem lotado. As pessoas que gostam do Olhar de Cinema, são fãs do Olhar de Cinema e até gente de fora que vem para cá abraçaram o festival e realmente prestigiam e gostam de estar presentes. A gente pensa muito nessa experiência. A Ópera de Arame é um lugar que é uma experiência única. Aquele lugar, para mim, é muito especial. Eu não sou de Curitiba, eu mudei para Curitiba em 2006, fui fazer faculdade de cinema, e estou há quase 20 anos aqui. Mas desde quando eu cheguei, é o meu lugar favorito de Curitiba. E aí quando a gente viu a possibilidade de fazer uma exibição de cinema lá - e a Ópera já tem quase 40 anos, e nunca tinha sido exibido um filme lá até que exibimos. Eu falei: “putz, vamos fazer isso, sensacional”. É o lugar que eu acho mais icônico de Curitiba, que eu acho lindo, uma estrutura, uma arquitetura única, que eu nunca vi em outro lugar do mundo. Vamos fazer e deu super certo.

**A21** - E tem muito convidado, né? Uma coisa legal de festival é isso, não só passar filmes, mas poder conversar sobre cinema, poder encontrar pessoas. E vocês também tem agora um espaço que é para conversar sobre mercado, certo?

**ANTONIO** - Desde o primeiro ano a gente sempre quis fazer esses encontros, proporcionar esses encontros. Então a gente pensa até nos espaços do festival, toda a programação para que isso possibilite, que as pessoas possam se encontrar, trocar ideias e realmente fazer uma imersão dentro do cinema, porque a nossa programação vai das dez da manhã até às onze e meia da noite. Então, realmente, para ter esses dez dias muito intensos, vivendo, vivenciando o cinema e com pessoas que fazem cinema. E a gente sentia muita falta de estruturar mais a parte dos negócios, de encontro voltado para tentar estabelecer parcerias, coproduções, tentar algum tipo de financiamento, ajudar mais, trazer players do mercado que têm dinheiro para cá, para também conhecer esses filmes, deles se juntarem com esse pessoal. Então a gente criou o MECI, o Mercado de Cinema Independente, que esse ano tem a segunda edição. Ele veio muito pra suprir uma demanda, que a gente via que tinha chegado num limite de conexões que a gente podia fazer, que eram ótimas, reflexões e tal. Mas aí faltava esse passo de organizar. Estabelecer os dias. São três dias para isso, voltado para isso, vamos pensar sobre isso, foco nisso, traga um novo projeto do diretor ou diretora que está exibindo um filme aqui, traga um outro projeto que você é produtor que está envolvido, elenco. E então realmente pautar isso durante esses três dias.



Foto - Rodrigo de Oliveira entrevista Antonio Gonçalves Jr. - reprodução

# OS PREMIADOS

## MOSTRA COMPETITIVA - LONGAS

Júri: Bruno Costa, Jacqueline Nsiah, David Montenegro e Saravy

### NACIONAL

Melhor Filme: *Fiz um Foguete Imaginando que Você Vinha* (dir.: Janaína Marques)

Melhor Direção: Rafael Barbosa, por *Olhe para Mim*

Melhor Roteiro: Pedro Diógenes, por *Homem/Adulto*

Melhor Atuação: Verônica Cavalcanti e Luciana Souza, por *Fiz um Foguete Imaginando que Você Vinha*

Melhor Fotografia: João Dumans, por *A Noite e os Dias de Miguel Burnier*

Melhor Direção de Arte: Nina Magalhães, por *Olhe para Mim*

Melhor Montagem: Affonso Uchoa, por *A Noite e os Dias de Miguel Burnier*

Melhor Som: Lucas Coelho, por *Olhe para Mim*

Menção Honrosa: *Reparação* (dir.: Marcus Curvelo)

### INTERNACIONAL

Melhor Filme: *Um Calendário Incompleto* (dir.: Sanaz Sohrabi)

Prêmio Especial do Júri: *Bouchra* (dir.: Orian Barki e Meriem Bennani)

### NOVOS OLHARES

Melhor Filme: *Como Todo Mortal* (dir.: Maria Molina Peiro)

Prêmio Especial do Júri: *Bouchra* (dir.: Orian Barki e Meriem Bennani)

### JÚRI POPULAR

Melhor Filme: *Se Pombos Virassem Ouro* (dir.: Pepa Lubojacki)

### JÚRI DA CRÍTICA - ABRACCINE

Melhor Filme: *Reparação* (dir.: Marcus Curvelo)

## MOSTRA COMPETITIVA - CURTAS

Júri: Juliana Rojas, Layla Braz e Pablo Mazzola

### NACIONAL

Melhor Filme: *Pirexia* (dir.: Nico da Costa)

Prêmio Especial do Júri: *Pinguim de Doce de Leite* (dir.: Ana Vitória Miotto Tahan)

### INTERNACIONAL

Melhor Filme: *Dragón* (dir.: Yashira Jordán)

### JÚRI POPULAR

Melhor Filme: *Duwid Tuminkiz - Makunaima é Duwid* (dir.: Gustavo Caboco Wapichana)

### JÚRI DA CRÍTICA - ABRACCINE

Melhor Filme: *Disciplina* (dir.: Affonso Uchoa)

## PRÊMIOS DE PARCEIROS - CURTAS

PRÊMIO CANAL BRASIL | *O Segredo Sagrado* (dir.: Everlane Moraes)

PRÊMIO CARDUME DE CURTAS | *Marimbã Está Acontecendo* (dir.: Maryn Marynho)

PRÊMIO AVEC-PR - LU RAFALCO | Mirada Paranaense: *Tornar-se Ciborgue no Interior* (dir.: Louisa Savignon)

PRÊMIO ITAU CULTURAL PLAY | Mirada Paranaense: *Estrelas Terrestres* (dir.: Rafael Neri M. Ferreira)



SAVE THE DATE...

15-16 AGOSTO  
UNISINOS CAMPUS POA



comicC  NRS #CCRS

PATROCÍNIO:

Escola da  
Indústria Criativa  
Se não dá, a gente cria.

 UNISINOS



**CINEMATECA  
PAULO AMORIM**  
ESPAÇO BANRISUL DE CINEMA

**A melhor  
programação  
com o menor  
preço**



Conheça nossas salas no

**Térreo da Casa de Cultura Mario Quintana**

(Rua dos Andradas, 736, Centro Histórico, Porto Alegre, RS)



**cinematecapauloamorim**



Confira a programação:

**cinematecapauloamorim.com.br**

Patrocínio



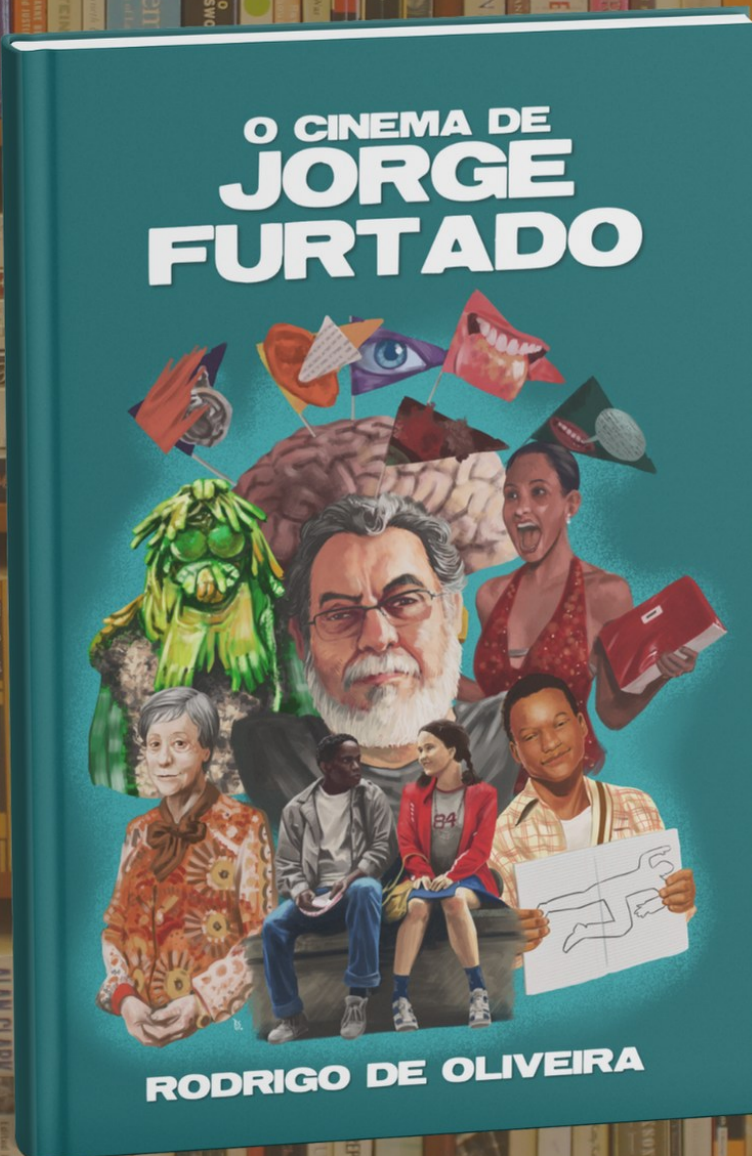
Realização



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO GRANDE DO SUL**

SECRETARIA DA CULTURA

# O CINEMA DE JORGE FURTADO



COMPRE O LIVRO EM  
[ALMANAQUE21.COM.BR](http://ALMANAQUE21.COM.BR)  
ENTREGA PARA TODO O BRASIL

